



REFLEXÕES SOBRE A NORMALIDADE E A ANORMALIDADE EM EDMUND HUSSERL

Reflections on Normality and Abnormality in Edmund Husserl

Reflexiones sobre Normalidad y Anormalidad en Edmund Husserl

CARLOS MORUJÃO*
(UNIVERSIDADE CATÓLICA
PORTUGUESA, LISBOA)

Resumo: Numa situação de crise, o mundo em que assentamos as nossas certezas básicas torna-se problemático. Sentimo-nos desorientados e perdidos e procuramos uma “solução” radical, em ordem à sobrevivência. O mundo é sentido e vivido, mais do que pensado, como algo de irracional. As nossas crenças não aderem a ele e ele não parece dar lugar ao cumprimento das nossas expectativas. Em última instância, o familiar torna-se ameaçador, o que parecia seguro torna-se perigoso. A expressão portuguesa “falta-nos o chão” traduz a sensação de se viver numa crise. Estas ideias, que podemos encontrar nos textos husserlianos sobre a problemática da crise, nascidas, em primeiro lugar, numa reflexão sobre a cultura, podem ter outras aplicações. A nossa comunicação procurará investigar a sua pertinência para a compreensão da crise psíquica.

Palavras-chave: crise, normal, anormal, consciência do tempo.

Abstract: In a crisis, the world on which we base our basic certainties becomes problematic. We feel disoriented and lost and look for a radical “solution”, in order to survive. The world is felt and lived, more than thought, as something irrational. Our beliefs do not adhere to it and it does not seem to give rise to the fulfillment of our expectations. Ultimately, the familiar becomes threatening, what seemed safe becomes dangerous. The expression “we lack the soil” reflects the feeling of living in a crisis. These ideas, which we can find in the Husserlian texts on the problem of the crisis, arose, for the first time, in a reflection on culture, but they can have other applications. Our paper, by means of an analysis of the First Part of William Faulkner’s novel *The Sound and the Fury*, aims to investigate the relevance of Husserl’s analysis for the understanding of the psychic crisis.

Keywords: crisis, normal, abnormal, time-consciousness.

Resumen: En una situación de crisis, el mundo en el que basamos nuestras certezas básicas se vuelve problemático. Nos sentimos desorientados y perdidos y buscamos una “solución” radical para sobrevivir. El mundo se siente y se vive, más que pensado, como algo irracional. Nuestras creencias no se adhieren a ello y el no parece dar lugar al cumplimiento de nuestras expectativas. Finalmente, lo que era familiar se vuelve amenazante, lo que parecía seguro se vuelve peligroso. La expresión “perdimos el suelo” refleja la sensación de vivir en una crisis. Estas ideas, que podemos encontrar en los textos de Husserl sobre el problema de la crisis, nacidas, en primer lugar, en una reflexión sobre la cultura, pueden tener otras aplicaciones. Nuestro ensayo, a través de un análisis de la primera parte de la novela de William Faulkner, *The Sound and the Fury*, buscará investigar relevancia de los análisis husserlianos para la comprensión de la crisis psíquica.

Palabras-Clave: crisis, normal, anormal, conciencia del tiempo

* Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (UCP). Email: <mailto:cmorujao@fch.lisboa.ucp.pt>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9943-8229>



Introdução

A intencionalidade, dizia Martin Heidegger, na sua curta introdução às lições husserianas sobre o tempo, é o nome para um problema. E esse problema resulta do facto de a consciência não ser apenas uma coisa entre as coisas – um objecto mundano, semelhante a tantos outros –, mas sim a condição de possibilidade para que as coisas apareçam e o mundo se possa manifestar. Por isso, prosseguir a análise intencional até aos domínios pouco explorados, mas não ignorados, pelo seu genial fundador, como são os da anormalidade e da vida da consciência em situação de crise psíquica, lança uma luz particular sobre aquilo que é, afinal, próprio da consciência e que Husserl designava pela conhecida expressão “doação de sentido”. A primeira tese que aqui procurarei defender é que as situações de anormalidade ou de crise se podem explicar na base do que chamarei “distorções na consciência do tempo”. Para o efeito, começarei, não com um caso real, mas sim com um caso ficcionado. Escolhi o famoso romance de William Faulkner, publicado em 1929, intitulado *The Sound and the Fury*, que julgo que todos conhecem.

Toda a primeira parte da obra de Faulkner relata, pela voz de Benjamin Compton, os acontecimentos do dia 7 de Abril de 1928, data do seu trigésimo terceiro aniversário. Benjamin, tratado normalmente pelo diminutivo Benjy, é um deficiente mental, sendo difícil dizer ao certo qual a patologia de que padece, embora, certamente, de carácter neurofisiológico. Assim, nesta narrativa, centrada em acontecimentos de um único dia, afloram pedaços de acontecimentos ocorridos 28 anos antes, mas que, para Benjamin, parecem ter a mesma actualidade do que aqueles que presencia. A estrutura temporal da sua consciência encontra-se profundamente alterada, as associações de eventos fazem-se ao arrepio do seu contexto na ordem do tempo, pessoas e objectos aparecem e desaparecem sem respeito pelos respectivos horizontes, interno e externo. A doença de que padece Benjamin Compton não é da competência do psiquiatra ou do psicanalista. Todavia, as distorções de que é vítima a sua consciência do tempo, bem como os seus mecanismos associativos, são demasiado parecidas com as que encontramos em patologias do foro psiquiátrico – mas também, *mutatis mutandis*, em indivíduos normais – para que possamos aproveitar o romance de Faulkner para tentar perceber o que numas e noutros acontece.

A segunda tese que defenderei, de forma mais breve do que a primeira, é que uma análise destas distorções na consciência do tempo que podemos notar em indivíduos que designamos por “anormais” nos obriga a prestar atenção às reformulações a que Husserl submeteu, nos anos 20 do século passado, uma das suas ideias fundamentais na altura em que escreve as *Ideias I*: a ideia de que em todos os actos intencionais existe um componente desprovido de intencionalidade, a que chamou “dados hiléticos”. Estas reformulações foram, em parte, motivadas pelo estudo do que Husserl chamava “casos anómalos”, embora nem sempre no sentido patológico do termo. Husserl entendia por tal os desvios à relação intencional normal que se verifica no sujeito adulto desperto. Assim, o anómalo, na sua acepção, englobava, entre outros, a criança ou o adulto semi-adormecido. Todavia, creio que uma abordagem dos casos patológicos confirmará as razões que conduziram Husserl a proceder às mencionadas reformulações.

1. O Fluxo da Consciência e suas Perturbações

A narrativa de qualquer série de acontecimentos desta primeira parte de *The Sound and the Fury*, mesmo que arbitrariamente escolhida pelo leitor, parece fazer sentido e, de certo modo, faz. Mas se o leitor isolar o excerto sobre o qual incide a sua atenção dos contextos que, imediatamente, o antecedem e lhe sucedem, nunca perceberá três coisas: que na narração podem interferir acontecimentos relativos a dois momentos diferentes e temporalmente muito distantes da vida dos personagens (separados, na realidade, por 28 anos, como já disse); que essas acções só lhe parecem sequenciais porque puderam ser fantasmaticamente vividas como tal, por parte do narrador, Benjy, graças a um extraordinário e anormal processo de associação, que decorre à margem da ligação que de ordinário se estabelece entre os diversos momentos, ou fases, de um mesmo fluxo de consciência; e que um personagem pode convocar imediatamente a presença de outro na mente de Benjy, pela identidade entre os nomes e as situações por eles vividas; assim, por exemplo, um leitor desprevenido poderá levar algum tempo a perceber que, na narrativa de Benjy, o mesmo nome, Quentin, tanto se pode referir ao tio como à sobrinha.

Na vida normal, as relações intencionais que estabelecemos com as coisas obedecem a uma legalidade própria. Mesmo que a nossa percepção de acontecimentos actuais sofra a interferência de uma súbita recordação de uma percepção passada de algo semelhante ao que agora vemos, ou de algo que já ocupou o espaço que é agora ocupado por outra coisa, ou mesmo que um simples lugar vazio nos recorde algo que já lá esteve, todos estes processos não interferem com o nosso sentido da realidade actual – mesmo que dela nos possamos por momentos distrair – nem com a distinção entre o que é percebido na agora actual e o que foi percebido num agora já passado. Ora não é isto o que se passa com Benjy, em *The Sound and the Fury*.



O caso de Benjy é muito interessante, pois Faulkner não nos descreve apenas alguém que tem dificuldade em “aderir” à realidade. Benjy vive em duas realidades que para nós são temporalmente distintas, tem delas uma simultânea experiência vivida, e o que chamaríamos a sua perpétua oscilação entre momentos heterogêneos do fluxo temporal é, afinal, uma profunda distorção na sua consciência íntima do tempo. Dois processos que Husserl distingue cuidadosamente, a *Wiedererinnerung* (ou recordação iterativa) e a retenção, ou seja, a permanência no agora actual de um agora que acabou de passar, interferem e confundem-se. Como Husserl diz nas suas *Lições sobre a Consciência Íntima do Tempo*, na recordação iterativa, o passado é presentificado enquanto passado, há uma clara consciência da sucessão dos acontecimentos passados e das suas fases, e da distância que separa o passado do presente (Husserl, 1966a). Do modo como Faulkner organizou a narrativa de Benjy, a confusão entre aqueles dois processos traduz-se num esbatimento da distinção entre a realidade percebida e uma realidade simplesmente alucinada. Como veremos um pouco mais à frente, sem a retenção é impossível constituir a identidade de uma objectividade visada. Vou tentar explicar isto um pouco melhor recorrendo a uma breve citação de Husserl, que retiro das mencionadas *Lições sobre o Tempo*. Num texto datado de 1917, Husserl afirma:

Consideremos (...) a modificação reprodutiva [da percepção], a saber, a recordação iterativa. Eu “*repito*” a consciência desta sucessão, eu presentifico-a recordando-me. Eu “*posso*” [fazer] isso e certamente *tantas vezes quanto queira*. A presentificação de uma vivência acha-se *a priori* no domínio da minha “*liberdade*” (Husserl, 1966a, p. 42).

Ora bem, Benjy é desprovido desta liberdade de que fala Husserl – o “eu posso fazer isso”, como diz o texto –, um pouco como aquele que sonha não comanda as associações que espontaneamente se formam no conteúdo manifesto dos seus sonhos. Pois também no sonho – e isto é muito evidente no processo que Freud designa por condensação –, uma fase temporal acabada de passar pode ligar-se, não ao que seria, para uma consciência desperta, a fase temporal seguinte da mesma objectividade vivida, mas sim a uma outra completamente diferente e aparentemente arbitrária. E se, no sonho, uma coisa se transforma noutra, esse acontecimento não obedece ao processo normal em que uma expectativa não recebe confirmação, ou em que, esperando perceber uma coisa, me deparo com outra. Os núcleos noemáticos das objectividades visadas são permanentemente destruídos e reconstruídos, de acordo com uma lógica que não corresponde à da consciência desperta.

Diremos, então, que Benjy é um anormal, que o seu passado e o seu presente se podem confundir graças a um processo associativo descontrolado, e que, por conseguinte, a sua consciência desperta é incapaz de se sujeitar à prova da realidade. Para me servir de palavras de Donald Winnicott, diria que Benjy é incapaz de reconhecer que um objecto é sempre mais do que uma projecção sua, mas que, bem pelo contrário, se encontra aí para si e também para os outros (Winnicott, 2005). E é verdade que, com Benjy, as coisas se passam desta forma. Mas trata-se de um anormal que procede, na sua anormalidade, de uma forma que guarda ainda algumas semelhanças com a nossa. Benjy respeita, como todos nós, alguns princípios que regem a associação entre fenómenos, nomeadamente, os princípios da semelhança e do contraste. Eu sei que se trata de um caso ficcionado, mas creio que a observação de muitos casos reais forneceria uma idêntica conclusão, que formularia nestes termos: há ainda uma lógica subjacente aos processos alucinatorios que, na sua estrutura mais geral e mais básica, não é muito diferente da que segue um indivíduo normal. O que parece confirmar um conhecido dito popular português segundo o qual um louco é alguém que perdeu tudo menos a razão. Assim, um lugar vazio na parede de uma sala pode, por associação, recordar-nos o espelho que lá se encontrou pendurado. Mas o que acontece com Benjy – e que a arte de Faulkner mais nos sugere do que propriamente diz – é a existência de uma extraordinária carga afectiva a acompanhar o processo associativo, ou, talvez melhor, a comandá-lo e, por assim dizer, a baralhar as associações mais expectáveis ou mais prováveis. Vejamos a passagem seguinte:

Fomos para a biblioteca. Luster acendeu as luzes. As janelas ficaram negras e apareceu o sítio alto e escuro na parede, e eu aproximei-me e toquei-lhe. Parecia uma porta, simplesmente, não era uma porta. O fogo apareceu por trás de mim e eu fui em direcção ao fogo e sentei-me no chão, segurando o chinelo de quarto. O fogo ficou mais alto. Foi em direcção à almofada na cadeira da mãe (Faulkner, 1977, p. 60).

Na terminologia de Freud, diríamos que, em Benjy, os processos primários interferem permanentemente com os processos secundários, de forma que percepção e alucinação são quase a mesma coisa (Brudzinska, 2012, p. 35). Se, por um lado, alucinar pode ser um comportamento normal – pois, afinal, diante de um sítio alto e escuro na parede de uma sala não poderá cada um de nós fantasiar sobre o objecto que outrora ocupou aquele lugar e nele deixou aquela marca? –, se isso é normal, já não será normal fazê-lo, passe a expressão, “normalmente”. Ora é isto que se acontece com Benjy. No dia 7 de Abril de 1928, cuja narração ocupa, como disse no início, toda a primeira parte de *The Sound and the Fury*, o seu passado não foi sujeito ao processo que Husserl designa por “afundamento” (*versinken*). Entre este afundamento e o “eu posso” (*Ich kann*) há pouco mencionado existe uma profunda correlação. De facto, está, em princípio pelo menos, em meu poder, enquanto sujeito normal, presentificar o que se “afundou” no passado e percebê-lo como algo passado. A capacidade para realizar livremente este tipo de actos escapa a Benjy; na realidade, os seus actos não se processam de forma nor-



mal. Daí essa estranha sensação de imobilidade que a leitura da primeira parte da obra de Faulkner desperta nos leitores. Na verdade, para que haja sensação de movimento é preciso que alguma coisa tenha passado e seja reconhecida como passada.

2. Determinação correcta do objecto visado

Num texto de 1910, publicado no volume XXIII da *Husserliana*, Husserl aborda o problema dos nexos intencionais que religam a percepção de um determinado objecto situado “aqui” a todos os outros que constituem o seu horizonte, bem como o “agora” em que é percebido a todos os “agora” que o antecederam ou que lhe sucederão (Husserl, 1980, p. 262). Assim como na experiência de captação de um conteúdo primário – expressão com que Husserl, nessa data, designava as sensações – todos os conteúdos primários concomitantes se encontram envolvidos, constituindo dada um deles “raios de apreensão” em direcção a outros, também a memória possibilita a ligação de um agora actual a todos os agora anteriores. Não podemos, porém (e este parece-me a mim ser o ponto decisivo), separar estas conexões da actividade intencional em que se originam. Retomo a situação, narrada há momentos, do romance de Faulkner: o fogo de um fogão de sala que Luster acende nas costas de Benjy. Desta situação, julgo ser legítimo retirar duas conclusões:

1. A percepção actual de um fogo pode suscitar a recordação de uma experiência anterior semelhante que esteja, por assim dizer, no seu raio de apreensão.
2. Este facto, em sujeitos normais, é acompanhado da clara distinção entre dois momentos do tempo distintos.

Estes raios de apreensão parecem obedecer a uma legalidade própria, a que a memória de Benjy escapa. Uma legalidade que permite a constituição de uma experiência intersubjectiva em que se reconhece uma identidade do objecto percebido – ou, pelo menos, do seu núcleo noemático, que garante que todos vêm o mesmo –, e isto apesar das particularidades resultantes, ou do sentido com que cada um visa o objecto, ou da perspectiva em que o percebe, ou das memórias individuais que lhe podem dar uma coloração afectiva diferente. Num texto do volume XIV da *Husserliana*, Husserl afirma:

Pertence ao mundo o facto de ele, não apenas se apresentar sistematicamente de tal ou tal maneira no meu sistema constitutivo originário, em relação com as condições corporais, mas também o facto de ele se apresentar a cada um de outros modos, e ele é a unidade de tais apresentações efectivas e possíveis. De novo, pertence a isso a ideia da determinação correcta, que podemos todos obter em conjunto. Mas esta não é uma intuição para todos (*Aber eine Anschauung ist das nicht mehr für einen jeden*) e *a priori* está sempre em aberto o facto de que novos sujeitos entrem nesta conexão e tragam ainda à experiência algo de novo sobre as coisas (Husserl, 1973b, p. 122).

Ora, como Husserl refere também, num manuscrito de 1921, quase contemporâneo do excerto que acabei de ler, um sujeito percebe sempre no interior de uma comunidade de sujeitos, pelo menos no sentido em que afirmar a validade de uma percepção só pode significar que ela deve ser confirmada por outros sujeitos (Husserl, 1973b, p. 92-93).

No caso do romance de Faulkner, as coisas não se passam exactamente assim com a narrativa de Benjy. Em primeiro lugar, nada de verdadeiramente novo acontece: as semelhanças dos locais, dos nomes ou dos rostos dos personagens, e das situações vividas, não lhe permitem distinguir o velho e o novo. É certo que, como Husserl notará nas *Lições* de 1905 sobre o tempo (Husserl, 1966a, p. 86), a consciência da mudança supõe ainda uma continuidade no fluxo temporal da consciência. A descontinuidade nos conteúdos do fluxo – ou seja, o que vejo ou ouço agora não confirma aquilo que vi ou ouvi há pouco, ou, pelo menos, tratando-se da mesma coisa, não corresponde agora ao que a perspectiva que tinha dela me fazia esperar que sucedesse – supõe essa mesma continuidade do fluxo. Mas, no caso de Benjy, podemos perguntar se ele possui uma efectiva consciência da mudança. De facto, Benjy parece estar constantemente a visar outras coisas como sendo ainda a mesma que acabou de visar, sem a consciência de que já não é a mesma, ou de efectuar visadas sucessivas, mas temporalmente distantes, de uma mesma coisa como se o tempo que decorreu entre duas visadas distintas nela não tivesse introduzido alterações, ou como se essas alterações fossem irrelevantes para a carga afectiva que elas transportam.

Certamente que uma experiência vivida do tempo que não seja uma experiência partilhada ou partilhável é pouco acessível à discricção fenomenológica. Há em casos como estes, provavelmente, um limite que nem a narrativa de ficção consegue ultrapassar. O que podemos afirmar é que o tempo imobilizado, em que Benjy parece viver, introduz inevitáveis distorções nesse processo fundamental de constituição das objectividades enquanto tais, ou seja, como unidades de sentido. Todo o processo que Husserl designa por “síntese de identidade” se encontra alterado. Para compreendermos tudo isto um pouco melhor, recorro a uma citação do §42 de *Experiência e Juízo*, a obra de Husserl publicada por Ludwig Landgrebe em 1939. Husserl descreve, como é óbvio, o procedimento normal:



“Quando, por exemplo, enquanto percepciono as coisas que se encontram no meu espaço envolvente, um caso de recordação me assalta e eu me volto para ele, este mundo da percepção não desaparece; por mais que ele perca a sua “actualidade” e se “afaste de mim”, permanece perceptivamente aí, percepcionado no sentido mais amplo. A recordação na qual agora vivo oferece-me, para o recordado, um tempo que está, implicitamente, orientado para o presente da percepção” (Husserl, 1999, p. 205).

Para tentarmos compreender tudo isto um pouco melhor em função do caso de Benjy introduzirei um conceito, que me parece apropriado, de Ludwig Binswanger: o conceito de auto-ultrapassagem, ou de auto-transcendência (*sich übersteigen*). O que Binswanger entende por tal está, em minha opinião, muito próximo do que Husserl chama a percepção por esboços ou esboços (*Abschattungen*). Mas também nos recorda a noção de intencionalidade de horizonte e mesmo a ideia de constituição transcendental intersubjectiva. Numa rápida apresentação desta temática, mas suficiente para os nossos propósitos, diria: para a fenomenologia, a constituição de um noema perceptivo depende de uma multiplicidade de visadas, do recobrimento das visadas passadas pelas actuais e da expectativa de confirmação pelas visadas futuras; depende ainda da relação entre o objecto visado e os objectos concomitantes e, por fim, da confirmação do sentido visado pelo acordo entre sujeitos empenhados na constituição do mesmo noema. É aqui que inter-vém o conceito de *sich übersteigen*: numa visada, o sujeito que visa transcende-se real ou imaginativamente para todas as visadas possíveis, não eleva a sua visada parcial à condição do noema completo. Uma característica fundamental da relação intencional é ela ter um carácter público. O *sich übersteigen*, que garante essa publicidade, parece faltar em algumas patologias, em particular nas psicoses, ou, talvez melhor, a sua falta constitui ela própria uma patologia (Mishara, 2012, p. 174). Benjy, no romance de Faulkner, também não possui esta capacidade.

Fragmentos e aspectos parciais dos objectos visados não são temporalizados, ou seja, não são integrados no fluxo da consciência. Tal como no excerto lido há pouco, o fogo acendido por Luster no fogão da biblioteca – estamos em 1928 – e cuja luz se reflecte na almofada da cadeira da mãe, é, para Benjy, indistinguível do outro fogo que aquecia o quarto da sua mãe acamada, quando Benjy tinha 5 anos. As coincidências substituem-se ao fluxo vivo característico dos estados de consciência normais. Já o disse, uma característica essencial dos noemas é o seu carácter público, ou seja, o facto de serem unidades de sentido intersubjectivamente partilháveis. No caso de Benjy, as coisas não se podem passar assim. Sobre este tema, Winnicott estabelece uma distinção interessante entre o designa por *object-relating* e *object-usage*. O que Winnicott defende é que a relação normal com um objecto não depende apenas do facto de sobre ele ser projectado um certo significado, mas, acima de tudo, do facto de ele ser parte de uma realidade partilhada (Winnicott, 2005).

Dois neurologistas do início do século passado, Henry Head e William Rivers, propuseram uma distinção entre o que chamaram a enervação protopática e a enervação epicrítica, que me parece de grande pertinência para compreender o quadro clínico de Benjy. Defenderam estes dois autores ingleses que o primeiro tipo de enervação – a protopática – é o responsável pela discriminação das sensações (o calor, o fio, a dor, etc.), ao passo que o segundo tipo possibilita um juízo sobre essas sensações (Mishara, 2012, p. 180). Ora, parece que a patologia de Benjy se manifesta ao nível da enervação epicrítica. Fenomenologicamente, as hipóteses de Head e de Rivers são muito interessantes. Veremos, mais adiante, que elas permitem igualmente compreender o que acontece durante uma crise psíquica. A enervação epicrítica confere a um acto o seu carácter especificamente intencional, torna possível o seu preenchimento intuitivo, permite superar a experiência da decepção e possibilita que o noema seja intersubjectivamente partilhado.

3. O Sistema Constitutivo do Mundo da Experiência.

Um mundo intersubjectivamente constituído supõe a normalidade. Todavia, à percepção de um sujeito normal não corresponde, necessariamente, uma clareza sobre o significado do conceito. Num texto de 1930 ou 1931, inserido no volume XV da *Husserliana*, Husserl afirma: “A anormalidade é uma *modificação do normal*, salienta-se a partir dele e acompanha-o como um acontecimento que surge necessariamente sob circunstâncias acidentais, possíveis e reconhecíveis” (Husserl, 1973c, p. 154). Há neste texto dois termos complicados. O verbo *herausheben*, que traduzi por *salientar*, mas que, literalmente, significa “sair de...”; e o verbo *beifügen*, que traduzi por *acompanhar*, mas que pode também significar “juntar-se a...”. Mas o texto suscita de imediato um conjunto de perguntas. Os desvios à normalidade colaboram também no processo de constituição de um mundo comum ou não? E se colaboram, que tipo de colaboração é essa? Que tipo de actividade constitutiva têm esses casos de modificação do normal que Husserl identifica na criança, no louco, no deficiente psíquico, ou simplesmente no indivíduo semi-adormecido? O caso de Benjy poderá ser-nos de algum auxílio na resposta a estas questões. Antes, porém, proponho-vos ainda uma outra questão.

Quando, para Benjy, o fogo que Luster acabou de acender e o fogo do quarto da sua mãe se confundem no mesmo fogo, a anormalidade estará nos componentes propriamente intencionais do acto intencional, ou afectará já a captação dos dados hyléticos? Ou, pondo a questão de uma maneira um pouco mais técnica: será legítimo conceber-se um certo tipo de noematização dos dados hyléticos, ou deverão estes ser concebidos como



uma matéria sem forma? Veremos que, consoante o modo como se responde a esta questão, apreciaremos diferentemente a chamada «anormalidade» e os factores que podem desencadear uma crise psíquica.

Husserl, após ter dado uma solução pouco satisfatória a esta questão, em *Ideias I*, irá retomá-la nos seus escritos dos anos vinte do século passado, em particular nos textos agora reunidos no volume XI da *Husserliana*, intitulado *Análises sobre a Síntese Passiva*. O problema que Husserl aborda pode formular-se da maneira seguinte: que é que transforma a simultaneidade e a sucessão de dados impressionais diversos em unidade e homogeneidade? (Husserl, 1966b, p. 138). No excerto da obra de Faulkner que li mais acima, a sala cujas luzes Luster acende, o espaço negro na parede ao fundo que faz recordar o espelho que lá esteve pendurado, o fogo que o mesmo Luster acende por detrás de Benjy e cujas chamas vão crescendo em intensidade, pertencem a um mesmo quadro unitário. Neste quadro, desenrolam-se, no tempo, uma série de acontecimentos (por exemplo, Luster acende as luzes antes de acender o fogo) e coexistem, no espaço, um conjunto de objectos. Este desenrolar e esta coexistência são acompanhados, normalmente, da crença de que as coisas são assim, tal como as vemos, as ouvimos ou as tocamos.

Julgo que devemos daqui retirar uma conclusão à primeira vista paradoxal: não é tanto a alucinação quanto a ausência de crença que acompanha a maioria das perturbações mentais e das situações de crise psíquica. De certo modo, todos nós – normais ou anormais – alucinamos: dizer que o Sol nascerá amanhã não é tão diferente assim quanto pretender ver na parede de uma sala algo que já lá não está pendurado (Mishara, 2012, p. 185). Mas, para que a alucinação seja patológica, ou para que uma crise psíquica se possa desencadear, duas condições são necessárias: 1) que as crenças tenham deixado de funcionar, de forma que qualquer coisa, mesmo o que não é expectável, parece poder vir a acontecer; 2) que os núcleos noemáticos percam a sua fixidez, de forma que uma coisa se possa transformar no seu contrário, ou receber, sem lógica aparente, predicados contraditórios.

Recapitulando, podemos dizer que, uma experiência normal, cada campo sensível é um campo unitário e que a sua homogeneidade resulta, tanto do grau de homogeneidade dos seus elementos, como da presença viva de todos num mesmo espaço retencional. Ao mesmo tempo, também os elementos heterogêneos (por exemplo, uma sensação visual e uma sensação acústica) podem pertencer a um mesmo campo unitário, sintetizadas graças à temporalidade do presente vivo (Husserl, 1966b, p. 138). Todavia, creio que todos percebemos que esta explicação não é ainda suficiente, se queremos compreender casos anormais como o de Benjy, bem como o desencadear de certas formas de crise psíquica. O conteúdo propriamente intencional dos actos aparece como que bloqueado pela sua exposição a dados hiléticos que se associam entre si de forma desordenada. Se virmos esta questão do ponto de vista transcendental, ou seja, do ponto de vista da constituição do mundo e das objectividades que dele fazem parte, mas, sobretudo, se a virmos do ponto de vista da actividade intencional de sujeitos intersubjectivamente empenhados neste processo de constituição, a conclusão que daqui temos de retirar não parece oferecer grandes dúvidas. A anormalidade só pode ser constitutiva do sentido mundo sob a forma de um ser relativo e subjectivo. O verdadeiro ser objectivo do mundo verdadeiramente existente (Husserl, 1973c, p. 155) supõe a normalidade. Ou seja, a anormalidade – seja ela apenas temporária, como no caso de um sujeito em crise – não constitui o mundo como nós o constituímos. Na verdade, o mundo constituído por sujeitos anormais é um mundo anómalo, fundado numa experiência privada e, no limite, incomunicável. A relação terapêutica com sujeitos que padecem de alguma forma de anormalidade, se olharmos para tal relação de um ponto de vista transcendental, apenas pode consistir no conjunto de procedimentos capazes de trazer tais sujeitos ao processo intersubjectivo de constituição de um mundo comum.

Mas resulta daqui, também, a dificuldade em lidarmos com ela. De alguma forma, a anormalidade permanece-nos fechada, do mesmo modo que permanece também fechada para o sujeito anormal. Não possuímos uma linguagem que a possa dizer, embora a linguagem dos sujeitos anormais possa ser muito expressiva relativamente ao sofrimento de que padecem.

4. Normal e Anormal

Observámos já que um sentido noemático idêntico só se pode constituir entre sujeitos normais. Patologias graves do foro neurofisiológico, estado mentais alterados, como no caso da psicose, situações de crise psíquica mais ou menos prolongada, ou com carácter recorrente, impedem a constituição de um universo de compreensão mútua possível (Husserl, 1973a, p. 105). Estas situações são muito interessantes, pois, constituindo aquilo que Husserl designava pela expressão *anormalen Lebensstrecken* (pedaços anómalos da vida), permitem-nos compreender também o restabelecimento do fluxo normal da consciência (Husserl, 1973c, p. 135). Anormalidade significa, em última instância, a impossibilidade de constituir um horizonte comum. Dois problemas surgem aqui, o segundo dos quais é claramente enunciado por Husserl, em texto recolhido no volume XV da *Husserliana* e o primeiro simplesmente enunciado, de uma forma algo elíptica, no volume XIV.

1. O primeiro problema tem a ver com a possibilidade de constituição do próprio objecto idêntico numa relação intersubjectiva, na qual um dos sujeitos se encontra afectado por uma anormalidade.
2. O segundo problema é o de uma definição satisfatória do que seja a “anormalidade”, uma vez que, até ao momento, apresentámos sobretudo os seus efeitos. Husserl, embora referindo-se exclusivamente à



percepção normal (e o problema é obviamente muito mais vasto), diz que a normalidade existe entre dois ou mais sujeitos, que partilham um mundo comum, quando o traçado formal (*Formvorzeichnung*) da experiência de mantém idêntico para eles ao longo do tempo (Husserl, 1973c, p. 136).

Um texto muito interessante de Freud poderá ajudar-nos agora um pouco (Freud, 1992, p. 213), sobretudo no que respeita ao segundo problema, o que Husserl, como há pouco disse, designa por “traçado formal da experiência”. Freud relata o caso de uma jovem que, saindo do apartamento onde acabara de ter relações íntimas com o seu namorado, encontra, ao fundo de uma escada, dois homens trocando entre si palavras em voz baixa e um deles tendo na mão o que lhe parece ser uma embalagem contendo fotografias. Este momento é o início de uma crise psicótica que a levará, mais tarde, por sugestão do seu advogado, a consultar Freud. O que direi a seguir é o resultado de uma reconstituição de um fluxo de acontecimentos cuja ordem temporal, bem como a importância, só se revelarão ao longo do tratamento. Ora acontece que nos preliminares da relação com o namorado a jovem tinha ouvido um ruído proveniente de uma zona indeterminada do apartamento onde se encontrava, provavelmente por detrás de uma espessa cortina. O seu namorado dissera-lhe, para a tranquilizar, tratar-se do ruído provocado pelo mecanismo do relógio que se encontrava numa mesa próxima. Nada faz supor que esta não seja a explicação verdadeira para o sucedido. Vejamos, porém, como os dois acontecimentos (o encontro ao fundo das escadas e o ruído) se ligam entre si.

1. Vejamos, em primeiro lugar, a recordação do ruído ouvido quando se encontrava no quarto com o seu namorado. Os momentos de prazer que se lhe seguiram poderiam ter rasurado a memória deste episódio; mas também não é impossível que ele ficasse gravado na memória como um episódio divertido, motivado pelo receio infundado de ter sido descoberto o que gostaria de manter em segredo. Simplesmente, neste caso, a recordação dele seria voluntária, ele poderia ser recordado tantas vezes quantas viesse a propósito e, provavelmente, cairia no esquecimento um pouco mais tarde. Esta memória voluntária constitui o que Husserl designa, como referi atrás, por *Wiedererinnerung*.
2. Ora, facilmente percebemos que não foi isto que aconteceu neste caso. A recordação do ruído anteriormente escutado, a sua interpretação, pela jovem, como sendo proveniente do disparar de uma câmara fotográfica, não resultou de uma actividade voluntária. Esta passividade, porém, é profundamente diferente daquela que, segundo Husserl, caracteriza o processo retencional. Há passividade na retenção na medida em que o agora que acabou de passar se liga ao agora actual, sendo, tal como este, intuído, embora, digamos assim, *in absentia*. Precisamos, por isso, de um novo conceito de passividade, que, aliás, também encontramos em Husserl, para entendermos uma actividade intencional desta natureza.
3. Em terceiro lugar, é preciso perceber que a recordação involuntária do ruído – que foi efectivamente ouvido, mas que poderia ter-se afundado no esquecimento – se sucede ao encontro no fundo da escada. Ou seja, o acontecimento mais antigo estava como que à espera de outro mais recente para poder entrar na consciência.

Este curto episódio é importante para vermos como a distinção entre hylé e morphé, em *Ideias I*, não se pode manter exactamente como Husserl a apresenta. Se a experiência sensível fosse totalmente desprovida de intencionalidade, se nenhuma direcção para um objecto já a orientasse, a relação entre a experiência sensível e o pensamento conceptual seria totalmente arbitrária (Zahavi, 2003, p. 107). O ruído escutado pela jovem seria o de o mecanismo de um relógio ou o de o disparo de uma máquina fotográfica? Claro que a dúvida é possível, mesmo em situações normais. Mas a dúvida pode ser resolvida pela análise da situação em causa, a hipótese inicial sujeita-se à prova da realidade, em casos pouco importantes a investigação nem sequer se chega a iniciar, nem a dúvida regressa de forma obsessiva. Ora os fenómenos de crise psíquica mais ou menos prolongada modificam esta situação. Parece existir uma certa arbitrariedade no modo como os dados hiléticos são investidos pela camada intencional dos actos. De facto, que um pequeno ruído, proveniente de sítio indeterminado, seja interpretado como o disparo de uma câmara fotográfica, não é nada de inteiramente arbitrário. Mas é-o no caso da jovem paciente e é-o tanto mais quanto a bem mais plausível explicação fornecida pelo seu namorado é recusada.

Considerações Finais

Estou já muito próximo da minha conclusão. Quero, primeiro, sublinhar a ilação que me parece dever retirar-se deste caso de Freud: as sensações encontram-se já imbuídas de sentido (Landgrebe, 1963, p. 120). Nas *Investigações Lógicas*, Husserl chamava àquilo de que se faz uma experiência a matéria de um acto intencional (Husserl, 1984, p. 425), sendo que o experimentado num acto é sempre experimentado ou qualificado de uma certa maneira. Mas estas qualificações não dependem apenas, numa experiência normal, da espontaneidade e, portanto, de uma certa arbitrariedade da consciência que experimenta. Um exemplo desta arbitrariedade encontramos-lo numa passagem do *Quixote* de Cervantes, em que Dom Quixote vê um elmo de Membrino na



bacia de um barbeiro. Na percepção normal, os dados hiléticos devem já guiar o processo de doação de sentido – por conseguinte, não podem ser completamente desprovidos de intencionalidade –, caso contrário não haveria maneira de decidir se quem tem razão é o barbeiro ou é Dom Quixote. O filósofo espanhol Ortega y Gasset refere algures esta passagem do livro de Cervantes, para acentuar que aquilo que Dom Quixote faz com a normalidade corresponde ao que todos nós fazemos normalmente: damos sentido ao que percebemos.

A manifestação da crise – o facto de lhe podermos chamar uma crise no verdadeiro sentido que Husserl conferia a esta palavra – verifica-se quando nenhuma reorientação da actividade judicativa se torna possível. Por exemplo, nos casos de psicose, não se torna possível argumentar que uma determinada ameaça não existe; ou, nos casos que Freud designava de melancolia, que uma vida que aparece como sem sentido é afinal plena de sentido, bastando para tal focarmo-nos nos seus aspectos positivos ou nas vitórias verificadas no passado. O que funciona com sujeitos normais deixou aqui de funcionar.

Referências

- Brudzinska, J. (2012). Depth Phenomenology of the Emotive Dynamic and the Psychoanalytic Experience. Dieter Lohmar & Jagna Brudzinska (Eds), *Founding Psychoanalysis Phenomenologically* (pp. 23-52). Dordrecht / Heidelberg / London / New York: Springer.
- Faulkner, W. (1977). *The Sound and the Fury*. New York: The Vintage Books.
- Freud, S. (1992). Communication d'un cas de paranoïa en contradiction avec la théorie psychanalytique. *Névrose, Psychose, Perversion* (pp. 209-218). Paris: Presses Universitaires de France.
- Husserl, E. (1966a). *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*. Den Haag: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1980). *Phantasie, Bildbewusstsein, Erinnerung. Zur Phänomenologie der anschaulichen Vergegenwärtigungen. Texte aus dem Nachlass (1898-1925)*. Husserliana XXIII. Den Haag: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1966b). *Analysen zur passiven Synthesis*. Husserliana IX. Den Haag: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1973a). *Zur Phänomenologie der Intersubjectivität. Erster Teil*. Den Haag: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1973b). *Zur Phänomenologie der Intersubjectivität. Zweiter Teil*. Den Haag: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1973c). *Zur Phänomenologie der Intersubjectivität. Dritter Teil*. Den Haag: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1984). *Logische Untersuchungen. Zweiter Band*. Husserliana XIX / 1. Den Haag: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1999). *Erfahrung und Urteil*. Hamburg: Felix Meiner.
- Landgrebe, L. (1963). Prinzipien der Lehre von Empfinden. *Der Weg der Phänomenologie* (pp. 111-123). Güttersloh: Gerd Mohn.
- Mishara, A. L., (2012). The "Unconscious" in Paranoid Delusional Psychosis: Phenomenology, Neuroscience, Psychoanalysis». Dieter Lohmar / Jagna Brudzinska (ed.), *Founding Psychoanalysis Phenomenologically* (pp. 169-197). Dordrecht / Heidelberg / London / New York: Springer.
- Winnicott, D. W., (2005), *Playing and Reality*. London and New York: Routledge.
- Zahavi, D. (2003). *Husserl's Phenomenology*. Stanford: Stanford University Press.

Recebido em 18.07.2019 – Aceito em 14.12.2019